



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XI • N.º 285 • PREÇO 1\$00

AQUI, LISBOA!

Por Padre Adriano

Tinha prometido continuar a lista dos donativos do Natal, mas resolvi pedir aos oferentes e curiosos um compasso de espera para, neste «Aqui», dar o tom de entrada ao naipe do lado. Dirijome aos Rapazes das nossas Juventudes Católicas.

Tem-se dito por aí, à boca cheia, (e eu não tenho culpa das más línguas) que a J. C. falhou no campo social. Talvez a expressão não tenha sido muito feliz. Melhor se diria que não entrou ainda a sério, ou pelo menos, em cheio, no campo social. Estão agora a ensaiar-se os primeiros passos e, creio bem, que o futuro dirá quão heróicos foram os que se atreveram a entrar por esta vereda.

No mundo das ideias está a J. U. C.. Os futuros orientadores, pelo muito que falam e escrevem, mostram estar à altura das correntes actuais; na prática, levam para a fábrica, para as escolas, para os cartórios e consultórios um diploma, que lhes garante um futuro não muito pessimista. Operários, estudantes, clientes e doentes esperam mais e melhor.

No campo da caridade, há dedicações sublimes. Ilhas no Porto, Lactários em Coimbra, Curraleira em Lisboa, são monumentos que consagram gerações de Estudantes.

No mundo do trabalho tem a palavra a J. O. C.. Quem lê os seus jornais, revistas e mais publicações, sente crepitar na alma destes Rapazes, anseios de libertação bem merecida e eternamente inatingida. Querem férias pagas, dignidade nas oficinas, lealdade nos camaradas, justiça nos salários, separação de sexos, orientação profissional, habitação condigna, famílias modelares, assistência na doença e invalidez, redução de descontos, etc. etc..

Ora o que eu proponho, é que, sem deixar de chorar as suas aspirações, e de esclarecer ideias e sã doutrina, e sem afrouxar na meditação e imitação de Cristo operário, comecem a trabalhar naquilo em que lhes é, para já, possível trabalhar. Um exemplo e todos sentem a acuidade do problema da habitação. Pede-se ao Governo que promova a construção, às Empresas que levantem casas para os seus operários; aos Bancos e Companhias que ponham os seus capitais em juro certo na habitação — porque não começam eles por arregaçar as mangas e se atirarem ao trabalho?

Sempre me convenci de que, quando pretendemos uma coisa, melhor é pôrmo-nos ao trabalho que badalar aos quatro ventos a nossa necessidade. Se a velha esperasse que o vento lhe juntas-

se a lenha, já hoje teria morrido de frio!

Mas vamos aos factos.

Eu tinha posto os olhos, centenas de vezes, num terreno desocupado daqui perto. Perguntava a toda a gente a quem pertencia e ninguém mo sabia dizer. Não está registado na matriz, nem na Câmara. Vem um saloio e diz: *aqui foi a primeira igreja dedicada a Júpiter*.

Deve ter razão o saloio, pois ali ao pé, fui encontrar, no peal dum poço, uma velha ara com a dedicatória — *Jovi maximo ex optimo*.

Mas seja ele de Júpiter, de Neptuno ou de Marte o que é certo é que hoje, dia 1 de Janeiro de 1955 caiu nos alicerces a primeira pedra que há-de estremar Portugal inteiro. Chamei os Rapazes da J. O. C.. Expuz o plano e mãos à obra. Aplauso unânime — *cor unam et anima una!* Pediu-se-lhe um sacrifício sobre-humano: fazer blocos de cimento, depois das horas de trabalho. *Sim, senhor!* Trabalham na fábrica da Covina a duas léguas de distância. Levantam-se às cinco e meia.

Depois de duas horas de caminhada comecem o trabalho às oito, largam às seis da tarde, estão em casa às oito, das dez em diante fazem blocos, à meia noite, na primeira sexta-feira vão à comunhão recuperar forças. No outro dia às cinco e meia recomem o fadário. Ao domingo reúnem; quando podem, entregam a féria dum dia e assim se arranja capital para os materiais de construção.

Surgem dificuldades, contradições, desânimos? Sem dúvida! São o selo. Mas estes actos heróicos, os mil blocos feitos e a primeira pedra lançada são o início duma revolução que jamais findará.

Que pretendemos nós?

Fazer uma demonstração das possibilidades dos nossos operários que bebem no Evangelho e se alimentam com o Pão descido do céu.

A demonstração das Casas do Gaiato, do Património dos Pobres, do Calvário garantem-nos a certeza de que Deus abençoará mais esta Obra filha da Igreja.

Da que nós necessitamos

Mais 20\$ da Capital. Mais 200\$ do Porto. Mais do Dundo, África, 500\$ dos meninos António, José Maria e Manuel. Mais 100\$ da Alice. Mais o dobro do Amílcar de Vila Real. Mais 100\$ do Porto. Mais 90\$. Mais 100\$ de Gondomar. Mais quinze mil escudos de Lisboa. Mais 20\$ do Porto. Ao açoreano digo que sim. Mais da Fábrica de Tabacos *A Portuense*:

Oficina Afonso Cunha	520\$00
» Soares Ribeiro	475\$00
» Cruz Magalhães	450\$00
» Marquinhas	400\$50
» Pique	97\$00
» Contabilidade	36\$00
	<hr/>
	1.978\$50

E até ao dia 3 do próximo Julho se Deus quiser. Amen.

Mais 50\$ de Tomar. Outro tanto de Coruche. O mesmo de A.B.. Mais 128\$. Mais 500\$ de *Uma viúva inconsolável*. Mais 200\$ de os empregados do Grémio dos Exportadores de Vinho do Porto, *reunidos no seu almoço anual*. Mais as alunas do Liceu D. Filipa de Vilhena, Lisboa, 4.535\$. Mais 100\$ de Valongo. Mais 100\$ de J. M..

Mais outros quinze mil escudos de Lisboa. Mais de 200\$ de Braga. Mais 50\$ de Lisboa. O mesmo de Viseu.

Mais este depoimento que vai levar muitos a condenar-se, se não fizeram caso do que pensa e diz esta criada de servir. *Também desejava ser mãe!* Que formosa não é a alma dos mortais! Que graça, quando cheia de graça, qual a desta donzela!

«Agora mesmo acabei de ler o seu abençoado Gaiato, que tantos corações tem convertido.

Sou uma criada de servir, tenho 18 anos e sou solteira, mas comoveu-me muito a notícia, ou antes a triste história daquela resignada Mãe e do filho doente que apesar disso deseja trabalhar; também sou filha e quando um dia for casada também desejava ser mãe, por isso chorei ao ler o Gaiato, o que acontece todas as vezes que o leio.

Mando só estes vinte escudos porque meus Pais são pobres e é meu dever ajudá-los o que puder, porque também se sacrificaram muito por mim e pelos meus irmãos.»

Aos nossos LEITORES

Nunca como este, nem julgo ser possível haver outro qualquer aviso, que mais tenha tocado e feito doer o coração dos leitores, como o do número passado, aonde pedíamos a importância das assinaturas. O dia seguinte, começa imediatamente a ser assinado. A seguir mais. Depois muito mais, até que veio a inundação. O carteiro, ajojado, dá em chegar mais tarde e queixa-se: *isto assim não pode ser!* O mesmo, que antes trazia dois maços, agora são três; um de registos e dois de correspondência ordinária.

Avelino, dia sim, dia não, toma o volante e vai buscar dinheiro às caixas de Paredes e de Penafiel. Nunca se viu tal. E ainda não chegou ao Brasil e América do Norte e dita do Centro e províncias ultramarinas e Estado da Índia e África do Sul e Arquipélagos dos Açores e Ilha da Madeira e outros cantos da Europa; ainda não chegou ali, dizia eu, a notícia que faz doer corações. Que, quando chegar, temos o degelo...

Nós nunca marcamos prazo nem discutimos preço. Não pagam e nós continuamos a mandar. Não recebemos o primeiro livro. mandamos o segundo. Não recebemos o custo do primeiro e do segundo, mandamos o terceiro. Somos assim. Vivemos da confiança. Resultado? Ei-lo!

É agora ocasião de dizer que se porventura houver a quem seja penoso o privar-se da leitura e não estiver em condições de acudir, esse ou essa fique tranquilo. Não contrai dívida. Continui a ler. Dia virá em que nos ossa retribuir.

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** O Amandio, hoje empregado em Londres, acaba de me escrever: «se quiser vir a esta cidade, para mim seria uma grande alegria e nesse caso eu fazia os possíveis para falar com o Senhor Embaixador de Portugal e estou por certo que ele o recebia na sua residência particular.» Prá frente é que é o caminho.

O que aqui não vai de doutrina, meu Deus! Quando em Julho daquele tempo, apareceu aqui em Paço de Sousa um errante a depor sem acusar — era ele! Ele, sim, que anos volvidos, por não ter casa sua em Londres, quer pedir para mim o que ali temos de mais alto; o Embaixador de Portugal! Aqui aprendeu as letras com que agora me escreve e a pagar amor com amor — o Amandio!

*** Estava eu hoje a fazer as delícias do meu fim de jantar, quando dou com os olhos no *Faisquita* a sair pela porta fora com o jantar da senhora Tereza. O dia ia pardo. Tinha chovido ontem. Hoje de manhã não cessou e ora, era se Deus a dava! Outro qualquer teria tido medo. O rapaz não. Foi e regressou debaixo de água. Esta senhora Tereza é um tesoiro escondido. Ninguém sabe o que ela tem; e se sabem, não atinam com a cura do mal. É um tesoiro nosso desde Maio de 1949. Muitos se têm aperfeiçoado neste trânsito de meia hora de distância. Alguns, hoje a trabalhar fora e longe do continente, conheceram os palmos da caminhada. Se tempo, se distância, se tudo, o certo é que a nossa doente nunca deixou de ter o que precisa. Eu vi o *Faisquita*. Tinha acabado de comer e ia dar de comer.

Ora ele há infelizmente um mundo de leitores, que estão para a nossa Obra como os médicos para a senhora Tereza: não atinam. Verificam Rapam da caneta e somam os *maises*. Discutem.

*** A mesa de onde eu vi o *Faisquita*, era aquela mesma em que antes o Antoninho chorou lágrimas álitivas, ao regressar do Natal. Eu perguntei-lhe: *que tens? Quem te fez mal?* Foi como um avivar de ferida. Os soluços eram tais, que todo o corpo estremecia. *E' a minha mãe!* Ele tinha chegado ontem. Aquela era a primeira refeição que me servia. *E' a minha mãe*, continua. *Ela deu-me regueifa.*

O Antoninho tinha ali sobre a mesa uma regueifa de Valongo, sim, mas era diferente; e sobretudo, faltava ali o seu tudo! Ora isto significa que temos aqui uma criança perfeita. Chora a ausência de sua mãe. *Deixe-me ir para ela*, acrescenta.

Mais luz a mostrar aos cegos aonde está a verdadeira riqueza da Obra. O que eu tenho pena é de não poder discernir. Ir por aí além, pé ante pé, até achar o culpado ou culpados. Pensar, é horrendo. Cometer, é dilacerante. Uma coisa e outra se passa no mundo dos homens, e nada ficará impune!... Enquanto Antoninho das Eirinhas aqui chora, sabemos que a mãe empenhou um cobertor que tinha em casa, para dar regueifa ao seu filho.

Antoninho teve licença para ir a casa no Natal; ele mais o irmão. Ambos são das Eirinhas, classe do Barredo.

*** Sérgio foi comprar uma vaca à feira do Cô, para juntar às que já tínhamos, e hoje são mais 18 litros. Não há vistas mais formosas do que as do refeitório dos batatas. Vê-se de lá o céu. Eu costume chegar à hora e pergunto: *quem gosta de leite?* A resposta são mãos no ar, cada um com sua malga fumegante: *eul!*

*** O Antoninho tem progredido. Ontem, sem nada dizer, deixa a mesa ao lado e senta-se à minha, a comer o seu jantar. Não é ainda cara a cara; é o distante, na cabeceira. Espera-se que ele continue a progredir e se venha aproximando, até chegarmos ao bafo. Se o Antoninho tivesse medo, cumpria a sua obrigação, sim. Seria até, exacto, tudo por causa do medo. Mas não se aproximava.

Mas então, meus senhores, se estas lições são tão gratas e os mestres tão amáveis, e elas tão nossas, porque não adoptá-las?! Tire-se o medo do seio dos homens e implante-se lá a confiança!

*** *Salta pocinhas* é hoje o verbo da casa; tudo chama por ele. Até os visitantes, e estes sobretudo. Ainda ontem chegou uma carta dirigida ao *menino salta pocinhas*. Não devemos esquecer o acerto deste nome. É que tem sido difícil e ainda hoje é, conservar-se ele à mesa, quietinho durante a refeição inteira. Sai. Vai pelas outras mesas. Torna a vir. Torna a ir. Resultado? *Salta pocinhas*. Eis.

Ora acontece que hoje, entrando eu na cozinha, vejo o *Salta pocinhas* à beirinha do fogão, mais o cozinheiro. Este tinha-se debruçado e desta maneira, faces coladas, ouvia com atenção a conversa do miúdo. Eu quis saber da confidência. Cozinheiro não se fez rogado: *ele está a perguntar o que é hoje o conduto.*

Salta pocinhas tinha deixado a obrigação; ele é do *Sejaquim* e andavam todos na lenha. Atravessa a quinta, sobe a avenida, vai à cozinha, pergunta. Que vamos nós inferir desta desordem? Nada. Tudo muito no seu lugar; um rapaz com muita saúde e vontade de comer: *que é que temos hoje?*

*** Manuel dos Santos, além de outras obrigações importantes, tem mais a de chefe dos cicerones. O cicerone, oferece aos visitantes quadros gloriosos dos costumes da nossa aldeia.

É vê-los aos domingos, pessoais e independentes, mostrando e explicando a seu modo toda a riqueza da nossa aldeia. De tantos que são chegam para tudo e eis que uns jogam, outros escutam relatos nos automóveis e todos de muitas maneiras, emprestam um não sei quê, que leva toda a gente a rir e a chorar!

Manuel dos Santos, tem na mão e toca os cordelinhos. Ele sabe e chama pelo nome de cada um. Escreve. A noite faz contas. Ali, aparecem as somas dos livros dos jornais avulso, de entregas, de tudo. «Padre Carlos» e «Pai Américo» vão ali na mesma classe, sem nada que os distinga da malta. A soma que Manuel dos Santos atribui a si, são dinheiros que directamente lhe entregam. Manuel dos Santos anda tão em dia, que lhe foi possível entregar-

-me o seu trabalho do ano no último dia do ano. Números, nomes, datas. Nem nas empresas da última palavra! Eu até passo a dar aqui o raro zelo do rapaz:

RENDIMENTO DE CADA UM DURANTE TODO O ANO (1954)

Pagamento do Barredo	20\$00
Mota	22\$50
Acréscimos	51\$00
Cândido	90\$00
Cocas	99\$30
Marreta	139\$00
Miguel	146\$60
Toupeira	194\$00
Jaime	205\$20
Angelo	297\$00
Peixeira	309\$00
Macaquito	338\$50
Faisca	358\$00
Venda do jornal	377\$00
Braga	398\$00
Ramada	401\$50
Banana	434\$00
Zéquita	448\$00
Alcino	488\$00
Ratinho	494\$00
Macaco	519\$40
Bombeiro	531\$80
Batata	573\$00
Pagamento do Ovo	633\$00
Cetano	684\$70
Marreco	717\$20
Girafa	790\$60
Marmelo	850\$10
Padre Carlos	855\$00
Guilhufe	1.730\$20
Livros do Ovo—174	1.740\$00
Postais—597	1.505\$50
Relhas	1.188\$90
Peyroteu	1.318\$20
A. Novas	2.078\$00
Livros do Barredo—137	3.096\$60
Assinantes antigos	7.740\$00
Pai Américo	10.697\$00
Zé do Porto	15.000\$00
Ofertas	28.447\$20
Total	86.007\$00

Chefe deles
Manuel dos Santos Gomes
Casa do Gaiato—Paço de Sousa

E assim está fechado o ano de 1954 com a importância indicada em cima.

Por ofertas, entenda-se as quantias que entregam directamente ao chefe. Os quinze contos do *Zé do Porto*, querem dizer que ele é o cicerone encartado; alguém que chegue à semana, vai-se imediatamente à oficina de alfaiate chamar o *Zé do Porto*. Quem era ele? Foi salvo em pequenino em uma casa de negócio... É do Porto. Chama-se *Zé do Porto*. Não sabemos mais nada. Hoje comunga frequentemente. Quem é o Manuel dos Santos? Foi salvo em pequenino (tinha dois anos) das mãos de sua mãe, que procurou desbarçar-se dele. Hoje é um rapaz qualificado.

Ele pode ser que algum cicerone falhe agora e logo. Pode ser, sim. Não repugna. Aqui em redor há vendas e nas vendas há figos... Mas isso que tem? Se o fazem, cá estamos nós para esclarecer e corrigir. Não é defeito do conjunto. Enquanto pequenos, pensamos e agimos como pequenos. Não há aqui desordem. De resto, que vamos nós dizer e como apreciar aqueles Organismos a sete chaves, aonde tudo gira em esferas e de vez em quando transparece e aparece nos jornais do dia... Oh figos!

*** Venho aqui à barra acusar o *Macaquito* que é hoje criado dos doentes e tendo ido com o leite para o *Zé Maria*, vai e bebe metade! Ora como o *Macaquito* é vendedor, eu peço aos senhores

do Porto que os interroguem a todos e ao saberem que estão falando ao dito, dêem-lhe uma trepa.

*** Os nossos vendedores costumam ir todas as quinzenas ao mercado do Bom Sucesso e não há quem lhes recista. O *Banana*, achou lá uma tia, que é vendedeira de peixe e a tia também o *achou* a ele. Ninguém estranhe estes *achados*, que são o efeito natural da indigência nas famílias. A tia, agora interessa-se e dá peixe e arranja peixe entre as suas colegas a tal ponto que tem sido preciso ir a nossa furgoneta! E não é só o *Banana*; o *Carlitos* também ali tem simpatias.

*** O *Guilhufe* conta maravilhas da Caixa, aonde vende. Este Natal trouxe 800\$ dos empregados. Também trouxe doutra casa sete cortes e agora não me larga por um fato e eu não tenho outro remédio senão dar-lho. Mais me conta que um senhor reuniu *Papagaio* e ele e *Carlitos* e que os fez entrar e obrigou a sentarem-se à mesa. Que *Papagaio* tomou a palavra e disse que poderiam comer um prato de sopa e mais não; pois temos de marcar presença em casa. *Guilhufe* continua a dizer que aquele senhor chorava enquanto comiam a sopa e que no fim dissera: *eu sou protestante mas de nada gosto tanto como da vossa Obra.*

Agora é o *Banana*. Também ele me conta. Foi um senhor que lhe comprou o jornal e deu 100\$ e disse que quer comer com quatro vendedores na mesma mesa. Aqui é no Regaleira. Acima, era o Abadia. São restaurantes aonde se come. Este senhor do Regaleira, segundo o *Banana*, insiste e diz: *eu quero que venham quatro, que vocês escolham na lista e eu é que vos hei-de servir.* Aqui, o rapaz deixa cair os olhos no chão, enquanto diz baixinho: *deu-me vontade de chorar.* Mas *Banana* continua. O melhor vem agora. O desconhecido, sentado numa cadeira, segundo o rapaz, procura marcar o dia, insiste nos quatro, torna a dizer que os quer servir e acaba assim: *eu não vos quero julgar.* *Banana* tira da sua algibeira o cartão que ele lhe dera, tarjado. Li o nome. Trata-se de um juiz. *Eu não vos quero julgar.* Agora sou eu que choro. Escondo o rosto com as minhas mãos e cotovelos sobre a mesa, sinto, compreendo, choro. Um juiz! Temos aqui a sigla do Divino. As lágrimas também canonizam.

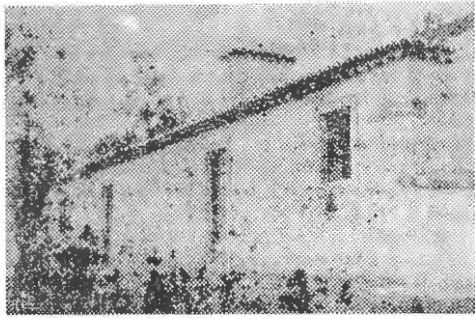
*** Andava hoje no fundo da quinta quando me foram chamar, dizendo que estava um estrangeiro à porta da casa mãe. Começo a subir em direcção àquele sítio. Avança para mim um funcionário do Secretariado de Propaganda, informando que está ali presente um escritor e publicista da cidade de Londres, o qual vem à Casa do Gaiato para colher notícias. Nada como ver, disse eu. Aquele senhor entra em todas as dependências da aldeia e vê e ouve e cheira e apalpa. Eu acompanhava. Não escapou à casa do forno. *Gaia* peneirava. Depois entramos na cozinha, onde fizemos um delicioso *five o clock tea*, servido pelo cozinheiro e seus ajudantes. Leite às bilhas. Manteiga da mesma sorte.

Continua na 1.ª pág. seg.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Com este mesmo título acabamos de receber fotografia das novas moradias mai-la notícia que segue:

«Dia de Natal às 4 da tarde. Castelo de Vide — Alto Alentejo



Eis o bloco de Castelo de Vide.

— está em festa. Acaba de chegar o Senhor Bispo. Vem inaugurar 4 casas do Património.

Pai Américo, convidado, não pode estar.

As 4 casinhas em 2 blocos têm a seguinte inscrição:

Património dos Pobres
Engenheiro A. Cordeiro
Ano Mariano — 1954

Foi a viúva do Eng. A. Cordeiro que as mandou fazer e ofereceu uma propriedade para nela se fazerem mais, se alguém quizer — cada casa 5 divisões.

Nas 4 casas 39 pessoas — 3 famílias com 8 filhos cada e uma com 7 e em vésperas de 8.

As famílias radiantes.»

É em papel costaneira. Não vem assinada por ninguém. Deve ser o pároco. Mas o que interessa é a verdade que nela se contém. Enquanto ia lendo, compreendi e saboreei o que todos os nossos leitores gozam e apreciam, ao tomar conhecimento, nas colunas do jornal, de notícias semelhantes. Aquelas três famílias de trinta e nove pessoas, vindas não sabemos de onde e hoje instaladas em casas novas de cinco divisões cada uma — sem renda! Oh sabor! Que venham mais. Mais notícias da mesma natureza e com a mesma verdade. Nós damos-lhes aceitação e preferência.

Ontem de tarde fui procurado por um meu colega, pároco, algures, concelho de Santo Tirso. Sentou-se no meu escritório. Conversamos. Alto, magro, novo; um viatário chegava-lhe aos tornozelos. O assunto que o trouxe, é uma inquietação: *eu sinto*. Sentir e agir são palavras sinónimas. Ao que ele me expõe, o problema do seu povo, não é bem o indigente. É o operário. Muitas fábricas. Muitos operários. Muitos filhos. Não há terrenos. Os salários não dão. Resultado: casas impróprias e superlotadas. *Eu sinto*. Por teledade, o pároco disse ter já conseguido terreno que daria para umas dez habitações e ali aonde

O nosso visitante deixava escapar de quando em vez a palavra *astonished*. Por defeito de loquela a fala tarda-lhe um pouco. Tem graça, que comigo acontece o mesmo. Dois gogos. Talvez seja por isso que pouco dissemos um ao outro. São horas. A tarde ia no fim. O escritor e publicista da cidade de Londres, com a mão na portinhola, deixa escapar mais uma vez o seu *astonished* e queda. Ele deseja um resumo; qualquer coisa que desvende. *Diga*. Ora acontece que o *astonished* é também a minha palavra. *Assombrado* é o termo.

estavamos resolvemos os dois tentar naquela terra um sistema auto-construção. Eu também sinto. Sentir é agir. Contamos em breve dar mais notícias. Boas notícias.

O meu coração diz-me que este problema de casas está hoje a tomar posição na terra dos portugueses. O meu coração diz-me. Está marcado para o fim de Janeiro uma semana entre estudantes do Porto, de Lisboa e de Coimbra, aonde o assunto casas vai ser a ordem do dia. Estes estudantes são os homens de amanhã. Os homens do Terreiro do Paço. É preciso que eles, se e quando lá chegarem, não venham a trocar por outros *mais importantes* este assunto do momento. O meu coração diz-me.

Temos de ir para a grande escala. Construir em cheio. Abrigar milhares e milhares e milhares. O *Património* não chega nem supre; e é outro assunto. Casas sem renda e sem impostos, têm de ser em número limitado. Nós não somos um país de indigentes.

Casas de renda acessível em todas as cidades; e como hoje eu sou do Porto, — *casas no Porto*. É preciso dar à barraca o seu destino. Chamar para junto de nós os nossos. Dar-lhes uma vida à nossa imagem e semelhança. O reino dos pobres está perto. Disseram os jornais que em Sever do Vouga um grupo de ricos ofereceu e assistiu a um jantar de



O que antes era vulgar, começa a ser Espectro!

natal aonde se sentaram e comeram na mesma mesa ricos e pobres. Os jornais disseram que o actual bispo de Milão, na Itália, no dia da sua entronização, ofereceu um jantar a mil e duzentos pobres da cidade e comeu à mesa com eles. Um programa. Está a chegar o reino dos pobres. É a verdade é que, tendo nós estabelecido por nossa conta e risco o abismo que os afastava, muito temos sofrido por isso.

Milhares de casas, sim. É o coração que me diz. Antes que venham os arquitectos e comecem a traçar, eu peço licença para dizer que não se esqueçam que os pobres não costumam ter medo de filhos. Daí nenhuma casa menos de um quarto grande para os filhos, um quarto grande para as filhas e um maneirinho para os pais; além das mais pretensas.

NOTA DA QUINZENA

Era o dia 2 de Janeiro, festa do Santíssimo Nome de Jesus, quando na capela e à estação da Missa, meus olhos deram com estranhos. Como temos por preceito pregar o Evangelho a toda a criatura, não se trocou o assunto, tendo pedido a cada rapaz que ao sair da Obra, leve consigo a data e o nome. Que ele é o alicerce e cunhal e argamassa e tudo; que não há tempestade, nem forças, nem nada. E finalmente que só o pecado mortal teria em si a causa da destruição da Obra.

Apenas terminada a função, os dois estranhos dirigem-se a mim. A hora, a geada, a cozinha a dois passos... Pergunto e disseram-me que sim senhor.

Bernardino vai pelas coisas e não tardou em chamar; manteiga que ele mesmo faz; fatias de pão; uma bilha de leite; uma dita de café!

O visitante faz-se acompanhar de sua esposa. Tem filhos. *Eu sou banqueiro*, informa. É uma pessoa de fortuna; tem que perder. Acautela-se. A seguir declara: *Deus tem-me ajudado*. Eis a fonte. Toda a doutrina que este senhor prega ao mundo, tem por base aquela convicção: *Deus tem-me ajudado*. Não atribue nada a si. Não despreza os mais. Ajuda no que pode. Resultado? Deus ajuda-o. Quem o diz? Ele mesmo.

Tínhamos chegado ao final da pequenina refeição. O *banqueiro* mete a mão à algibeira de dentro, donde saía uma carta enquanto diz: — *fechamos ontem o movimento do ano e trago-lhe o quinhão dos pobres*. Aceito sem nada dizer, mas ele diz. O *banqueiro* não fica por ali. Deseja ser um sócio activo da nossa Obra; e pede me

que lhe diga como. Não estava prevenido. Não costumo insinuar nem escolher. Ao meu silêncio ele responde — *deixe-me curar as feridas dos seus doentes. Gostaria desse encargo*.

Sua esposa estava ao pé. Os filhos não, mas aonde quer que se encontrem, eles são os herdeiros desta fortuna que o pai lhes vai necessariamente transmitir. Mais silêncio da minha parte. Mais elevação no mundo. Um homem de dinheiro a interessar-se pelas feridas dos oprimidos! Como esta notícia não há-de calar na alma dos leitores — como!

A vista da sua decisão, eu balbuciei contas altas: *nós não nos poupamos*. Tendo escutado dele — *não importa; a farmácia é por minha conta*. Tínhamos começado um novo ano da era de Cristo. Hoje como há dois mil, ainda se encontra quem tenha a fala do Nazareno. Este *banqueiro* é Dele!

O Bernardino tinha levantado a mesa. Saímos em direcção ao sítio aonde era um discreto automóvel cor de cinza. Antes de entrar, o nosso visitante lembra: *diga alguma coisa aos meus colegas*. Ao fazer assim, não se dá por modelo. Só Cristo Jesus pode dizer de si com verdade — *aprendi de mim*, porquanto mais ninguém é mestre. Não se propõe por modelo, sim, mas naquilo mesmo que fez, disse. Quisera eu que todos os seus colegas venham a sentir a inquietação dos seus bens. Aqui há tempos esteve em nossa casa alguém que vinha de fazer um curso de férias nos quatro reatlos da Alemanha. Movido de curiosidade, pergunto-lhe como é na parte Oriental e soube: Não

(Continua na quarta página)



Outro ano se passou e queremos publicamente aqui apresentar à multidão dos nossos bons amigos o resumo da nossa vida.

A vida dos rapazes está à contemplação de todos: eles não fingem, são os mesmos em toda a parte. Os nossos livros de contas estão em cima da nossa mesa de trabalho à disposição de quem queira ver e certificar-se.

Preocupou-nos acima de tudo a formação humana e espiritual de cada um. Mais que tudo queremos que cada rapaz seja um bom cristão.

Estivemos presentes em todas as primeiras sextas-feiras e todos os que tinham mais de 13 anos fizeram o seu retiro Espiritual no Santuário da Senhora da Piedade durante três dias. Ajudaram-nos dedicada e generosamente neste campo o Snr. Prior e seu Coadjuutor e os padres Francisco Antunes e João Evangelista.

Mantivemos todos os lugares ocupados, sendo a média de dezassete no Lar de Coimbra e cinquenta e oito na Casa de Miranda. Quatro dos maiores, já com emprego e ordenado suficiente para se manterem retiraram-se de acordo conosco. Um com officio e emprego teve de ser despedido por mau porte. Um pequenito anormal foi entregue à Assistência do

Estado. Dois pequenitos foram entregues às famílias que estavam em condições de os ter.

Gastamos com a alimentação, vestuário, calçado, escola, medicamentos, mobiliário e conservação das casas dos setenta e cinco rapazes a quantia de 272.973\$80. Nesta quantia estão incluídas as esmolos que damos a Pobres e Doentes e Abandonados. Está também já incluída a despesa com as Colónias de Férias que duraram mais de dois meses, com uma média diária de quarenta crianças das mais miseráveis de Coimbra.

Queremos neste momento ter aqui uma palavrinha de agradecimento para os nossos dois médicos Senhores Dr. Altino Bingre e Dr. Afonso Romão que tão prontamente e generosamente nos acompanharam em todos os momentos.

Tivemos necessidade de continuar com obras e assim acabamos o edifício da escola e salão de festas com palco, vestiários, quartos de banho e cave que teve a sua inauguração em Novembro e nos custou 51.374\$50. Terminamos também as quatro casas do «Património» no Alto da Conchada, cidade de Coimbra, das quais as duas primeiras foram entregues em Junho e as duas últimas foram,

(Continua na quarta página)

Noticias da Conferência

da Nossa Aldeia

A gente anda agora práqui que nem um sino! A nossa Conferência tem sido lembrada como há muito não acontecia. Graças a Deus! Ele é o princípio e o fim de tudo. Basta que dê uma pancadita nos corações e o impossível é possível. Quem havia de dizer que em tão pouco tempo recuperaríamos tanto?

A abrir uma carta singela: *junto envio 100 angolares para a Conferência da Nossa Aldeia. Uma Rhodesiana. Rodésia! África! Como o "Gaiato" mexe e remexe por esse mundo foral Ele haverá jornal que tanto bula com o coração? Os senhores recordam-se perfeitamente do nosso pedido de remanescentes. Tem dado resultado. Um assinante paga a assinatura e manda mais uns poses para a Conferência. Outro paga o livro recebido em devido tempo e para fazer uma conta certa, envia mais alguma coisa para a Conferência. Depois da Rodésia, temos Lourenço Marques. Satisfeita que foi assinatura e livro, 30\$00 para um dia de festa dum pobre. Tenho muita pena que não seja para o dia de Natal, mas descuidei-me um pouco e já não vai a tempo. Mais vale tarde que nunca. Augusto José de Oliveira, Cortegaça, pagou a assinatura, devendo o remanescente ser entregue à Conferência da Nossa Aldeia, 15\$00; aqui vão muito certinhos. Assinante 24.058, 100\$00. É do Porto. Do nosso amigo Agostinho Moutinho, de Cabeceiras de Basto e que em tempos nos ofereceu um lauto jantar, 20\$00. Para os pobres da vossa Conferência, 50\$00, das Caldas da Rainha e eu parece-me que são do Sr. Doutor H. L. Pode ser que me engane, mas não deve ser fácil. Manuel Luís Leite Júnior, de São João da Madeira, 100\$00. Mais remanescentes. Maria Fernanda Braga, de Lisboa, 20\$00, com o pedido *duma Avé-Maria a Deus para proteger o meu filho. Cecília Cardoso, 20\$00. De Coimbra, metade. E mais remanescentes. Hortensa Machado, 50\$00. Américo Correia de Paiva, 100\$00. Laurindo Teixeira de Almeida, 70\$00. De Alice Ferreira, Senhora que acompanha muito de perto a nossa obra, uma carta que, entre outras coisas, diz: *Por mim tenho todo o prazer de continuar a enviar-vos Esc. 20\$00 que gostava passasse a ser para a vossa Conferência (o que é pena é ser tão pouco...)*. Deus lhe pague tanta dedicação. Benedito Serra, 20\$00. De S. Paulo, Brasil, uma carta de Carlos Figueiredo: *se alguma coisa sobrar é para fazer o favor de dar aos seus pobres, 275\$00. C. W. Carrisso, 11\$50. Assinante 4539, do Porto, 50\$00. E 15\$00 do n.º 16.416. Manuel Jesus Ferreira, 20\$00. Mais uma carta: *Com destino ao Natal dos Pobres da vossa Conferência envia inclusa a modesta quantia de 100\$00 o confrade humilde e amigo. Assinante n.º 11.119. Um Vicentino e está tudo dito. Deus lhe pague. E para terminar, 10\$00 de Maria Catarina Gomes, de Vila Pery.****

Até de hoje a quinze se Deus quiser e em nome dos nossos pobres um muito obrigado.

Júlio Mendes

NO PRELO
O LIVRO «VIAGENS»

AGORA

Vai passar todo o Pessoal do Batalhão N.º 3 da Guarda Fiscal do Porto com uma casa de 13.134\$00. Dêem lugar. Não sei de casa que mais pedras tenha, a não ser uma dos colegas de toda a Província de Moçambique, já concluída e habitada. São soldados. Chefes de seus lares, aonde cada um, no fim de cada mês, tem de exprimir o que ganha, a ver se dá para tudo. Silêncio e façam espaço. É a precissão. Tornam os Empregados da Filial do Banco Espírito Santo, Guimarães, com mais 231\$50. Outros que também fazem contas, a ver se dá para o vestir e calçar, conforme o lugar require. Grande cortejo! Como o *Gaiato* quer dizer *Boa Nova*, aqui vai a notícia de próximas construções de viviendas do *Património* naquela velha cidade. São os ares de Braga. Hoje aqui é tudo grande. São horas piedosas que ficam no peito da gente, em procura do Eterno. Quam diferente dos Cortejos! Quam outro o seu rendimento! Mais largueza, por favor; vai alguém com a segunda prestação de cinco contos. Temos a casa à beira. «Mande gravar numa pedra da base, duas letras M. S. — as iniciais da minha filha que há 8 anos Deus quis só para Si e para a nossa saúde... Seja essa pedra o mausoléu à sua santa memória!» Mas ele brotou jamais no mundo uma tal aliança de fé divina e de saudade? E aonde um tão simples mausoléu! Os senhores arrumem-se. Quando esta coluna de amor sair em uma das nossas edições, há de ficar pelo tempo fora a confessar a passagem de Cristo Vivo no meio dos Seus. Porquanto, só Ele e mais ninguém, é capaz de arrancar à alma dos mortais, estas belezas eternas: *seja essa pedra o mausoléu à sua santa memória.* Quam pequenas as pirâmides!

Mas isto sobe. Não sabemos medir, nem confrontar, nem nada. Mais silêncio: «estamos à espera de mais um filho e se Deus me ajudar, contam enviar-lhe as prestações que faltam para uma casa à família mais pobre, para ficar a chamar-se — *A Casa dos meus filhos*.» Leva mil escudos este Casal. *A Casa dos meus filhos*. É a terceira prestação. Ainda temos lugar para tudo no *Bairro D. António Barros*. Oh Bairro! O Casal prossegue: «eu e minha família já vivemos dias bem difíceis e é por

Nota da Quinzena

(Continuação da terceira página)

gira ali moeda. É munido de senhas que cada um adquire o que precisa. Não há desempregados. Não há pobres. Não há analfabetos. Os doentes são assistidos. Tudo perfeito. Porém, este e todos quantos iam no grupo, uma vez dentro do território, não mais puderam fazer seus programas. Marcou-se-lhes tempo e lugar. Tiraram a cada um o poder e o valor. Desfalque. Desfalque total. O homem sem o que é seu! Valerá a pena viver assim? Deus cria o homem livre.

Ora pode muito bem acontecer que estas coisas venham até nós. Pode sim senhor. As armas não evitam. Quaisquer armas. Medo não é uma força; é, antes, uma permanente negação. Então quê? *Diga alguma coisa aos meus colegas.* Eis.

isso mesmo que sinto tanto a miséria em tantos lares.» Assina-se *um funcionário da Câmara*. Senhor Presidente da Câmara do Porto; alegre-se cada vez mais por ter talhado terrenos; e dê mais. Que descobertas! Que horizontes! Que amor do próximo! Tudo isto adormecido no peito dos Seus funcionários e tudo isto ora alerta por via de bons despachos! Ao Senhor Presidente. Aos Vogaes. A Todos. Chegou a hora do Porto!

Vai a Maria do Bonfim com mais mil.

Cautela que vai passar a Beira: «Sou empregada, não tenho casa minha, mas hoje, graças a Deus, tenho a grande satisfação de poder enviar-lhe o primeiro de oito cheques que se hão-de seguir mensalmente e que se destinam à construção de uma casa para uma família pobre. Confio na ajuda de Deus e que Ele há-de permitir que eu leve a tarefa ao fim sem falhas.»

Mais Lisboa com 50\$. Mais o Porto com 24 contos. Mais Lisboa com 500\$. Outra vez Lisboa com 30\$. E agora o Estoril. É Alguém muito falado, que quer duas casas e enfileira com 25 deles. Sim senhor. Tomou-se nota das placas. Deixem passar a Alda com 100\$. Também Dois Licenciados de Lisboa com 20\$ cada: *meu marido e eu*. Vai um oficial do exército com 500\$. Ninguém receie. É um homem pacífico. Outra Licenciada de Lisboa com 40\$. A *casa dos Licenciados*, diz ela; *quanto isto me entusiasma!* Mais de Lisboa 100\$. Mais de Chaves outro tanto.

Temos agora Professores Primários! Vão aqui deles de vários distritos, com pedras e tejos. Querem a sua Casa.

Tribuna de Coimbra

(Continuação da terceira página)

uo pela altura da visita da Imagem de N.ª Sr.ª de Fátima à Cidade de Coimbra. Nestas gastamos 40.000\$00. Fizemos alguns melhoramentos na Capela e três edifícios que constituem o Santuário de N.ª Sr.ª da Piedade, deitando novas janelas com vidros, caiação, pintura, e gastamos 5.000\$00. É nestes edifícios que realizamos as Colónias de Férias.

Subimos mais um piso no edifício central dos currais destinado a palheiro, importando em 9.000\$. Fizemos mais um poço com duas minas laterais na propriedade que adquirimos o ano passado, que nos custaram 6.000\$00.

Esclarecemos que em todas estas despesas com obras só estão incluídos os materiais e salários a mestres. Todo o outro serviço (e que é a maior conta) é feito pelos nossos rapazes e os transportes são feitos pelos nossos bois. A assistência e orientação são também nossas.

Ao lado desta volumosa despesa não duvidamos da Providência e Assistência de Deus. E assim pudemos no fim do ano arrumar as nossas contas.

Os nossos pequenos vendedores espalhados, de quinze em quinze dias pelas ruas de Coimbra e Figueira e Cantanhede e Anadia e Lousã e Miranda e desde Setembro para cá na Covilhã, Fundão, Tortozendo e Castelo Branco, trouxeram-nos 51.132\$80 De quanto amor e dedicação eles são objecto! Quando chegam não há quem

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA Na crónica anterior esqueci-me de falar nos presépios, mas se fosse para comer, talvez não me esquecesse. Ainda vai a tempo, pois os nossos amáveis leitores não se zangam.

Além do presépio que se fez na capela, que todos os anos fazemos, também as restantes casas, com seu chefe à cabeça, resolveram e muito bem, fazer presépios. É uma maneira interessante de tomarmos gosto pelas coisas e sentirmos ao mesmo tempo, juntinho de nós, o Jesus de Nazaré, Deus e Homem verdadeiro.

O senhor Padre Carlos prometeu um prémio ao mais bonito, que me parece, foi o da casa três, segundo andar, mas até ao momento, ainda não o deu.

Aplaudimos todos os chefes pelo bom gosto que tiveram e esforços que dispenderam, incitando-os a que continuem nos anos próximos para tornar o Natal mais português.

A propósito, lembramos aos nossos amigos que continuam a fazer presépios, para não fazerem a árvore de natal, pois tem sentido pagão. É uma autêntica máscara do Natal. Também não é com a dita que os presépios ficam mais bonitos, pois um presépio simples é o momento mais propício a uma meditação séria.

Sei que os meus amigos não me levam a mal, pois ao ler estas duas linhas todos compreenderão.

—O nosso novo livro «Viagens» continua a andar muito bem. Compositores em forma, máquina de impressão gême com os cinco mil e os da encadernação, atarefados com a dobragem e nós a pedirmos aos leitores que se aviem...

—Agora, muito temos a agradecer ao senhor João Manuel, Dig.º Director do excelente programa radiofónico «A Voz dos Ridículos», leitor assíduo do nosso jornal, que prometeu fazer-nos uma visita com os seus mais íntimos colaboradores que farão uma festa para nós.

Foi com grande alegria que recebemos a notícia. Tanto que está na ordem do dia.

Ficamos ansiosamente à espera desse dia, no qual tenho a certeza, vamos rir até às lágrimas. Se nos rimos ao ouvi-los pela rádio, qual não será a nossa alegria ao tê-los na nossa presença em carne e osso!

Muito obrigado senhor João Manuel, queira receber os cumprimentos de todos os meus irmãos em quem «A Voz dos Ridículos» tem um admirador e amigo.

—Já vieram as luvas de boxe, o que muito temos a agradecer a quem nos enviou.

Agora precisamos dum gravador, e os nossos amigos já perceberam o motivo porque precisamos dele, por isso não vale a pena dizê-lo.

Agora falta saber se leitores estão dispostos a cair... Oxalá que sim, de contrário ficamos, como já sabem, desarranjados.

—Já me esquecia de perguntar aos nossos amigos se tiveram boas saídas e boas entradas neste Ano que agora começou.

Aos que não entraram bem, lembro que faço anos no próximo dia 5 de Fevereiro, dia de Santa Águeda, ficando uma boa oportunidade para animarem! Já a noite passada sonhei que constantemente subiam carros a nossa avenida, carregados de prendas e eu a esfregar as mãos.

Espero que não me deixem ficar mal.

Daniel Borges da Silva

os faça calar. O Figueiredo e o Pião que vão para Castelo Branco e Covilhã vivem no ar, de tanto que por lá lhes fazem e dão: passes nas camionetas, fatos, calçado, sobretudos, peças, muitas assinaturas, muitas gorjetas, mil trezentos e cinquenta jornais vendidos, tudo. Bem hajam todos os que por lá nos ajudam.

Os nossos rapazes do Lar de Coimbra tiraram 16.686\$80 aos seus ordenados e entregaram para ajudar a custear as despesas.

A Assistência do Estado deu-nos 60.000\$00 para as nossas despesas diárias e 10.000\$00 para as Colónias de Férias.

A Câmara de Coimbra entregou-nos 5.000\$00.

Os nossos Subscritores de Coimbra entregaram aos nossos dois pequenitos que andam a receber as quotas a quantia de 15.960\$50.

Confiaram-nos 14.950\$30 para construirmos casas para Pobres.

Fomos pedir às igrejas de Santa Cruz, S. Bartolomeu, Sé Nova, Sé Velha, Carmelitas e Seminário de Coimbra e Luso, Santa Catarina da Figueira, Monte Real e S. Martinho do Porto e deram-nos 35.959\$00.

Os restantes 206.548\$90 não sabemos donde vieram. Deus sabe e por isso que por tudo seja louvado.

Padre Horácio